



Ano I Nº 271  
26 de Fevereiro de 2007

## Índice

Como Valter Sanches faz parte do conselho da Daimler	01
Siemens em pé de guerra	02
Solidariedade na luta da Grob	03
'Cuba vai mudar, mas do seu jeito'	04

## INTERNACIONAL

*A Isto É Dinheiro desta semana publicou a matéria que transcrevemos abaixo, onde ela reconhece a crescente importância do movimento sindical metalúrgico brasileiro. Nós a trazemos para os nossos leitores lembrando que a participação do companheiro Sanches no Conselho foi referendada pelos trabalhadores na Mercedes-Benz de SBC em assembléia realizada durante o 'Dia Nacional de Lutas', promovido pela CNM/CUT, em 18/09/2007.*

*Sanches doa 100% dos bônus de participação no Conselho à Fundação Hans-Böckler da Alemanha, que realiza projetos de cooperação em países do terceiro mundo na áreas de saúde, formação sindical, juventude, gênero, etc". Leia a matéria completa [aqui](#).*

### Como Valter Sanches faz parte do conselho da Daimler

Nunca na história deste país os metalúrgicos tiveram tanto poder. A Presidência da República é ocupada por um deles. O Ministério da Previdência, também. Agora, outro operário assume um posto impensável para um sujeito que veste macacão.

Há pouco mais de quatro meses, o metalúrgico Valter Sanches, 44 anos, assumiu um assento no conselho mundial de administração da Daimler, uma potência com vendas de US\$ 99,4 bilhões e dona da marca Mercedes-Benz no Brasil. Não se trata de um organismo decorativo. Seus integrantes definem o plano estratégico que será adotado por todas as filiais. Instalação de fábricas, celebração de parcerias e investimentos passam pelo crivo dos 20 conselheiros. Metade deles é indicado pelos trabalhadores.

A ascensão de Sanches é carregada de simbolismo por outro motivo: ele é o primeiro representante de um país emergente em tal posição. A indicação de Sanches partiu do IG Metall, entidade que reúne os metalúrgicos da Alemanha.



Mas quem é o sindicalista que, na prática, tem mais poder que o presidente da Mercedes-Benz do Brasil? Sanches se define como socialista, embora não pregue a revolução ou o controle dos meios de produção pelos operários. As posições que o levaram a se filiar à corrente O Trabalho (de orientação trotskista), então abrigada no PT, pertencem ao passado. 'Muitas coisas que defendia não tinham aplicação no mundo real', diz. De fala mansa e gestos contidos, ele destoa dos sindicalistas de sua geração. Técnico mecânico e graduado em geografia pela USP, o metalúrgico domina o inglês, o espanhol e o alemão.

O idioma de Goethe começou a fazer parte de seu vocabulário em 1992, quando foi eleito para a Comissão de Fábrica da Mercedes-Benz. 'Para negociar com os dirigentes teria de falar a língua deles', conta. O curso foi feito dentro das instalações da montadora, que arcou com os custos.

Essas lições foram vitais durante sua primeira reunião no board mundial, ocorrida nos dias 12 e 13 de dezembro último em Stuttgart, onde encontra-se o quartel-general da montadora. >>>>>>>>

Herr Sanches, como é tratado nesses encontros, não se limitou ao papel de espectador. Conseguiu incluir na moção de aprovação da fábrica de caminhões e ônibus que será erguida na Índia, em parceria com o Hero Group, dispositivos que preservam as plantas instaladas nos demais países emergentes. 'Defendi a tese de que a filial indiana fosse impedida de canibalizar mercados atendidos hoje pelas demais subsidiárias da Daimler', conta. Um saldo bastante positivo para um encontro que durou apenas 13 horas. O 'empresário' Sanches pretende ainda se transformar em uma espécie de 'embaixador do etanol e do biodiesel'. 'Defendo que a Daimler privilegie as pesquisas com os combustíveis renováveis', adianta. E quer que esses estudos sejam feitos pela filial brasileira.

### Sanches participa de decisões estratégicas da Daimler

Sanches conquistou espaço no mundo sindical de forma lenta, mas consistente. Funcionário da Mercedes-Benz desde 1988, seu primeiro posto foi na Cipa, em 1989. Depois ingressou na Comissão de Fábrica da Mercedes. Discípulo de Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, Sanches é filiado ao PT e afinado com o Campo Majoritário, do qual fazem parte José Dirceu, Ricardo Berzoini e José Eduardo Cardozo. Além do cargo no board da Mercedes, cujo mandato é renovado a cada ano, Sanches ocupa a secretaria-geral e de relações internacionais da **Confederação Nacional dos Metalúrgicos**. E, apesar das íntimas relações com a burocracia partidária, ele garante que não está em seus planos disputar um mandato parlamentar. 'Meu negócio é o chão de fábrica', resume. *(Istoé Dinheiro, 22.02.2008)*

## Siemens em pé de guerra

Ela quer cortar 3.800 empregos e transferir outros 3.000 trabalhadores para empresas parceiras. Além disso, ela quer se desfazer de suas unidades produtivas no **Brasil** e na Grécia, onde emprega respectivamente 470 e 270 trabalhadores, e vender suas operações de call-center na Argentina, Chile, Colômbia, Equador e Peru, onde trabalham mais de 1,100 trabalhadores.

A multinacional alemã declarou nesta semana que pretende realizar uma profunda reestruturação de suas operações mundiais. Como não podia ser diferente, o alvo principal são os seus trabalhadores – cerca de 40% de sua força de trabalho de 17.500 empregados serão atingidos. As maiores mudanças serão na Alemanha.

Dos 3.800 empregos cortados, 2.000 serão na Alemanha. Das 3.000 transferências de emprego, 1.200 serão no país. Ele pretende vender a sua fábrica em Leipzig, que emprega 530 trabalhadores e os seus negócios de cabo para telecomunicações (60 trabalhadores). Ela procura um parceiro para suas operações de fornecimento de TI, o que permitirá a transferência de 570 empregados de vendas.

A Siemens quer vender ou encontrar parceiros para suas unidades no Brasil e na Grécia (serão cerca de 740 empregos transferidos). Os outros 1.100 empregos em empresas a serem vendidas estão nos seus call-centers na Argentina, Chile, Colômbia, Equador e Peru.

A empresa quer ampliar seus investimentos na Rússia e na China. E quer mudar o seu foco da produção de bens (hardware) para a produção de serviços (software).

Antes de efetuar essa reestruturação, a empresa deverá se entender com o sindicato. "Nos vamos começar negociações imediatamente com o lado do trabalho na Alemanha para estabelecer o seu interesse e temos esperança de concluir rapidamente essas negociações para oferecer aos empregados a maior certeza possível do que os espera no futuro", disse Siegfried Russwurm, que chefia o setor de Recursos Humanos do conglomerado.

O sindicato dos metalúrgicos alemães criticou duramente os cortes que a empresa quer fazer. Werner Neugebauer, que preside o IG Metall na Bavária, região onde a Siemens tem sua sede, disse que a empresa "não tem nenhuma visão estratégica de futuro". *(com material da Associated Press, 26.02.2008)*

Siderurgia - O **IG Metall** aceitou a proposta patronal de um aumento de 5.2% para os trabalhadores do setor siderúrgico, O setor vinha fazendo uma campanha de greves parciais que já havia atingido cerca de 85 mil trabalhadores com as paralisações. O aumento, o maior em 15 anos, foi considerado uma grande vitória.

## Solidariedade na luta da Grob

No ABC, Grob reprime sindicalista novamente e trabalhadores da Mercedes se solidarizam. O sindicato dos metalúrgicos da Alemanha, o IG Metall também se solidarizou com os trabalhadores da Grob e pressionou a matriz da empresa.

Nesta quinta-feira (14), mais uma vez a Grob não respeitou o direito de atuação sindical e, com a ajuda da Polícia Militar, pôs fim a uma assembléia na porta da fábrica, em São Bernardo do Campo.

Segundo o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e funcionário da Grob, Luís Sérgio Batista, o Pica-Pau, a empresa ao tomar conhecimento da realização de uma assembléia, agiu de forma truculenta e ordenou a entrada dos trabalhadores na fábrica. 'Um dos diretores da Grob chamou a polícia, que mandou o caminhão de som parar o ato pacífico'.

Pica-Pau disse que a empresa está reunida para decidir alguma forma de puni-lo mais uma vez.



Sabendo das dificuldades mais uma vez enfrentadas por Pica-Pau, os trabalhadores da Mercedes-Benz em São Bernardo, por meio da Comissão de Fábrica, que recebeu o pedido de ajuda dos companheiros da Grob, aprovaram em assembléia a paralisação da produção no setor de motores e interditaram os locais em que são usadas as máquinas da Grob na montadora.

Em 2005, o secretário-geral da CNM/CUT, Valter Sanches encaminhou denúncia aos trabalhadores alemães da Mercedes. Na época, Sanches disse que 'a fabricante de máquinas Grob é uma fornecedora da Daimler (proprietária da Mercedes), cujo Acordo Marco Internacional ('Princípios de Solidariedade Social', assinado com o Comitê Mundial de Empregados da Daimler e a Federação Internacional de Metalúrgicos em 2002) estabelece claramente que todos os fornecedores devem seguir os mesmos princípios, entre eles o de respeito à organização sindical'.

Seguindo o exemplo de 2005, a Confederação Nacional dos Metalúrgicos enviou mais uma vez uma representação ao sindicato alemão IG Metall, denunciando os abusos da Grob (de origem alemã), em sua fábrica no ABC. O sindicato alemão está pressionando a empresa a mudar suas atitudes.

Paralelamente a isso, na reunião do Comitê Mundial da Daimler, na próxima semana o representante brasileiro, Aroaldo Silva, efetuará uma ação semelhante aos companheiros alemães. (Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT)

Funcionários da Mercedes se solidarizam no ABC



### Histórico de desrespeito

Em 2005, mesmo com mandato sindical, Pica-Pau foi demitido da Grob e precisou ficar acampado por 58 dias na porta da empresa para que a decisão fosse revista. Na época, o sindicalista recebeu o apoio de metalúrgicos de várias empresas da região e do deputado federal Vicentinho.

## 'Cuba vai mudar, mas do seu jeito'

Entrevista com Ignacio Ramonet, diretor do jornal francês Le Monde Diplomatique

O espanhol Ignacio Ramonet, diretor do jornal francês Le Monde Diplomatique, talvez seja o não-cubano que melhor conheça Fidel Castro e as entranhas de Cuba. Autor do livro Fidel Castro: Biografia a duas vozes (a maior entrevista já concedida pelo cubano), ele descarta transformações abruptas na ilha após a passagem de poder à nova geração. As mudanças, diz, serão diferentes daquelas vistas na China ou no leste europeu. Com a saúde debilitada, Fidel deu sinais que poderá abrir mão da presidência neste ano. O jornalista espanhol amigo de Fidel diz quem são e o que farão os líderes cubanos da nova geração. A reportagem e a entrevista são de Ricardo Mendonça e publicadas pela revista Época, 18-01-2008.

Eis a entrevista.

**Fidel está com 81 anos, afastado poder há mais de um ano e, ao contrário do que muitos previam, principalmente nos EUA, isso não resultou em nenhuma mudança substancial do regime. O senhor tem alguma explicação?**



Sim. Acredito que essas análises que os EUA faziam eram baseadas sobre seu próprio desejo, não sobre a realidade. Todos os observadores sérios sabiam que o regime era mais sólido do que dizia a administração dos EUA. A prova disso é o que tem ocorrido agora. Já estamos no pós-Fidel, em certa medida. Ele não está mais governando e, como você disse, não há nada excepcional. A situação é estável, não há protestos, as instituições são sólidas, tivemos eleições municipais, haverá eleições legislativas agora em 2008 e, depois disso, será escolhido o novo presidente.

**Não são eleições viciadas?**

Há um partido único e podemos pensar que isso não corresponda a uma sociedade sofisticada. Eu comentei isso com Fidel. Cuba é hoje um país com alto nível cultural, um nível educacional muito alto, muitos cientistas, técnicos, engenheiros, médicos. Então o partido único não é suficiente para refletir a sofisticação, a variedade, a pluralidade da sociedade cubana. Mas há um sistema de funcionamento democrático que merece ser bem observado. Os candidatos não podem ser apresentados pelo partido. Eles surgem da sociedade e são votados nas assembleias populares. Essas pessoas podem ser oponentes ao sistema, podem ser membros do partido. Mas muitos não são nem uma coisa, nem outra. São pessoas normais. Há pastores protestantes que são deputados, há sacerdotes, militantes cristãos que não concordam com a pena de morte, com algumas decisões.

**Mesmo assim, continua sendo partido único.**

O partido único se justifica no contexto de hostilidade que vive Cuba. Sempre que pensamos na evolução que poderia ocorrer em Cuba, temos que perguntar como irão evoluir os EUA com relação a Cuba. Irão suprimir o embargo econômico? Irão suprimir a pressão diplomática? Irão suprimir a ameaça militar, com invasões, terrorismo e apoio aos grupos que cometem atentados e sabotagens? Se pensarmos nisso, veremos que, apesar de tudo, em Cuba há um processo eleitoral muito interessante.

**Raúl Castro, o irmão de Fidel que interinamente preside a ilha, tem idade avançada e dificilmente será sucedido por alguém que tenha participado da revolução de 1959. É razoável esperar algo diferente de um dirigente que não tenha participado da revolução?**

Certamente. O mais provável é que o próximo presidente seja Raúl. Mas Fidel mesmo disse que Raúl não é a verdadeira sucessão, é a continuidade. O mais importante para a revolução é quando a nova geração assumir o poder. Mudanças evidentemente irão ocorrer, pois o contexto político não é mais o mesmo, Cuba não está mais isolada. Tem excelentes relações com Brasil, Argentina, Venezuela, Equador, Bolívia e Chile, entre outros.



### Quem são esse possíveis substitutos da nova geração?

Carlos Lage (atual vice-presidente) tem uma trajetória interessante, pois vem da direção da juventude estudantil. Felipe Perez Roque (atual ministro das Relações Exteriores), foi presidente da federação de estudantes universitários e secretário pessoal de Fidel por muito tempo. Os dois têm excelentes relações com Raúl e Fidel. Há outros: Abel Prieto, ministro da Cultura, Ricardo Alarcón (presidente da Assembléia Popular), um homem muito culto. Todos são conscientes da necessidade de proteger a identidade e a independência de Cuba. Não estou falando de modelo econômico, mas filosófico.

### E do ponto de vista econômico?

Há muita gente especulando se Cuba irá adotar o modelo chinês ou vietnamita. Desde 1959 Cuba tem tido aliados indispensáveis para resistir a pressão dos EUA. Mas separe que Cuba nunca adotou um modelo de maneira mimética: nunca foi semelhante à União Soviética. A organização da economia foi diferente, o setor agrícola foi preservado em cooperativas voluntárias, nunca de maneira violenta. Em muitos setores foram conservados os proprietários privados, como o de tabaco. Cuba sempre foi por uma via particular. Estou convencido que nessa nova etapa Cuba tratará de definir também uma via singular.

O senhor acha que o regime pós-Fidel, mesmo conduzido por pessoas de sua confiança, responderá às reivindicações reprimidas por mais participação democrática e oportunidades econômicas?

Isso é verdadeiro, Cuba tem muitos problemas na vida cotidiana. Problemas com alimentação, habitações e também com o transporte público. Mas neste momento, esses três problemas são os temas sobre os quais está trabalhando o governo. Num contexto geopolítico diferente, a sociedade irá evoluir. As novas gerações são conscientes que estamos em outra época.

Em Cuba há pena de morte, dissidentes presos, restrições para deslocamentos, inexistência de organizações independentes. Por tudo isso, o senhor não classifica Fidel como ditador?

Há pena de morte, é verdade, mas não é aplicada mais há cinco anos. Há uma moratória. O próprio Fidel me disse que, filosoficamente, é contra. Com relação aos dissidentes, é preciso ser prudente. De fato, há pessoas detidas, mas não pelo que pensam, mas pelo que fazem: organizar grupos financiados pela embaixada dos EUA. Fora isso, todas as personalidades importantes da dissidência estão em liberdade e têm suas atividades, como Martha Beatriz Roque, Vladimiro Roca e Oswaldo Payá. Quando você fala em penas altas, é preciso levar em consideração que Cuba é um dos países que mais sofre com o terrorismo. Grupos anti-cubanos de Miami já fizeram 3.500 mortos nos últimos 40 anos. E com relação a Fidel, ele se manteve muito tempo no poder, mas porque Cuba está sob muita hostilidade. Fidel é produto da história, fundador do Estado cubano, teórico da revolução, além de líder carismático. Ele é a estratégia da resistência cubana. Mas o sistema não está pensado para que outro dirigente fique 40 anos no poder.

Logo no começo da biografia-entrevista de Fidel, o senhor descreve o gabinete dele e cita um busto de Abraham Lincoln. Não lhe pareceu estranho a presença da estatueta de um presidente americano naquele local?

Fidel Castro, curiosamente, tem grande admiração por Lincoln. Não sei se você se lembra, mas a primeira viagem de Fidel após a revolução de 1959 foi para os EUA. Ele foi visitar o Congresso e se inclinou na frente da imensa estátua branca de Lincoln. É porque Lincoln foi o libertador dos escravos. Para Fidel, foi uma figura muito importante. Mas Fidel nunca escondeu sua admiração por John Kennedy, Jimmy Carter ou Bill Clinton. As relações sempre foram difíceis com Ronald Reagan e Bush filho. *(Agência Petroleira de Notícias, 07.02.2008)* <http://www.apn.org.br>